

A ERRÂNCIA E A BUSCA DO ANIQUILAMENTO DO PROTAGONISTA NO CONTO "JIM", DE ROBERTO BOLAÑO

Rosilene Santos da Silva (UEMS)¹
Altamir Botoso (UEMS)²

Resumo: O propósito deste artigo é analisar a construção do protagonista do conto "Jim", do escritor chileno Roberto Bolaño, evidenciando o fato de que esse personagem vive em trânsito, não se adapta ao mundo contemporâneo, procurando uma forma de se evadir da realidade que o oprime. As análises efetuadas pautar-se-ão pelos estudos teóricos de Ravetti (2001), Xerxenesky (2012), Felipe (2014), Candia Cáceres (2010), Giraldo (2007), Patriota (2005), Dolle (2011), Mora Retamal (2016). Desse modo, Jim configura-se como um personagem em busca do aniquilamento, da morte, para se livrar da dor e do sofrimento que o sufocam, fatores recorrentes em figuras ficcionais dos séculos XX e XXI.

Palavras-chave: Roberto Bolaño; aniquilamento; metaliteratura; literatura chilena.

A literatura hispano-americana contemporânea conta com um significativo número de escritores, dentre os quais podemos destacar Mayra Ocampo (1977-), Magda Zavala (1951-), Tatiana Lobo (1939-), Gloria Guardia (1940-), Franz Galich (1951-), Ramiro Lacaio (1952-), Horacio Castellanos (1957), Dante Liano (1948-), Fernando Contreras Castro (1963-), Julio Ramón Ribeyro (1929-1994), Cesar Ária (1949), Ricardo Piglia (1941-2017), Roberto Bolaño (1953-2003). Outros nomes

¹ Graduada em Letras/Espanhol pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul- UEMS, campus de Campo Grande-MS. E-mail: rssilva0620@gmail.com.

² Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, campus de Assis-SP e docente do curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso - UEMS. E-mail: abotoso@uol.com.br.

importantes dessa literatura, na concepção de Graciela Ravetti (2001, p. 48), seriam José María Arguedas (1911-1969), Manuel Puig (1932-1990), Juan José Saer (1937-2005), Matilde Sánchez (1958-), Roberto Echavarren (1944-), Salvador Elizondo (1932-2006) e Héctor Libertella (1945-2006).

Esses autores passaram a incorporar em suas produções poéticas e ficcionais o desengano, os problemas sociais do mundo atual, a fragmentação do sujeito, o homoerotismo, o problema das drogas, a inserção da mulher em áreas nas quais predominava a figura masculina, a violência. Além desses traços, a ficção dos escritores mencionados possui outras particularidades, como, por exemplo, os cruzamentos “[...] de lo personal y lo público, lo autobiográfico y lo puramente ficcional, lo propio de cada uno y lo de todos” (RAVETTI, 2001, p. 47).

Desde o início do século XX, a literatura marcou-se pelo caráter experimental e vanguardista, compreendendo-se este termo como a busca de uma linguagem capaz de dar conta e de levar adiante as múltiplas e divergentes visões de mundo. Isso fez com que na literatura contemporânea se efetivasse uma intensificação de tais procedimentos, de forma que “la proliferación de sucesivas y contiguas miradas sobre el mundo que son a su vez recogidas en la producción narrativa del periodo” (MORA RETAMAL, 2016, p. 13).

Tanto em países desenvolvidos quanto em nações subdesenvolvidas, a narrativa ficcional deu voz aos que estavam nas margens, transferindo-os para uma posição central ao recriá-los no universo ficcional:

en las grandes ciudades y pequeños poblados, y hasta en los meandros cibernéticos de la red es posible encontrar intersticios, parcelas, guetos en los que se mueven personajes marginales, [...]. Se trata de sujetos que por opción personal o por imposición del sistema viven en una situación de marginalidad, sin distinción de categorías o clases, pudiendo abarcar desde el vagabundo al artista o desde el místico al asesino (MORA RETAMAL, 2016, p. 39).

Esses personagens, “habitantes de la orilla”, de acordo com as ponderações de Mauricio Leonardo Mora Retamal (2016, p. 39-40), caracterizam pelo fato de:

Vivir en los márgenes, moverse en las fronteras de la normalidad que ha sido establecida por el poder, se constituye en un modo de ser que comparten aquellos que, por su condición de género, su sexualidad, su edad, su raza o su nivel socioeconómico están fuera del circuito o curso oficial de la historia. [...] una manera de estar en el mundo, sin desarrollar con él una relación de pertenencia.

Na literatura da contemporaneidade, são comuns personagens marginalizados, que não se adaptam e não conseguem integrar-se ao mundo que os rodeia. Um exemplo desse tipo de personagem é Jim, pertencente ao conto homônimo do chileno Roberto Bolaño (2012, p. 11-14), “un extraño personaje, mezcla de vagabundo y artista” (Mora Retamal 2016, p. 145), que se desloca constantemente,

tem uma vida nômade e identifica-se, conseqüentemente, com as figuras excluídas e com os grupos minoritários.

Levando em consideração o que foi exposto, objetivamos analisar o conto "Jim", focalizando a figura do protagonista e a sua busca por um meio de se aniquilar e, dessa maneira, acabar com suas dores e sofrimentos. Inicialmente serão apresentados alguns dados biográficos de Bolaño para, em seguida, analisar o conto.

No intuito de apoiar nossas análises e comentários, utilizaremos os seguintes textos: *A literatura rumo a si mesma: Roberto Bolaño e Enrique Vila-Matas*, de Antônio Carlos Silveira Xerxenesky (2012), "O melodrama *queer* em Roberto Bolaño - notas sobre a mobilidade e a mobilização dos afetos", de Renata Farias de Felipe (2014), "Todos los males el mal. La "Estética de la Aniquilación" en la narrativa de Roberto Bolaño", de Alexis Candia Cáceres (2010), "Romances híbridos e crítica ficcional na narrativa contemporânea latino-americana: o caso de Roberto Bolaño", de Rafael Eduardo Gutiérrez Giraldo (2007), "Ficción y performance en escritores latinoamericanos contemporáneos", de Graciela Ravetti (2001) e *La (des)localización del autor en la narrativa de Roberto Bolaño*, de Mauricio Leonardo Mora Retamal (2016).

Roberto Bolaño Ávalos nasceu em Santiago do Chile, em 1953, e faleceu em 2003. Estreou na literatura com o livro *Consejos de un discípulo de Morrison a un fanático de Joyce* (1984), escrito em parceria com Antoni García Porta e, dentre a sua vasta produção, destacam-se *Estrella distante* (1996), *La literatura nazi en América* (1996), *Llamadas telefónicas* (1997), *Los detectives salvajes* (1998), *Amuleto* (1999), *Tres* (2000), *Putas asesinas* (2001), *El gaucho insufrible* (2003), *Entre paréntesis* (2004), *2666* (2004), *El tercer reich* (2010), *Los sinsabores del verdadero policia* (2011).

É importante destacar que suas publicações, que incluem diversos romances, livros de contos e antologias poéticas, estão concentradas em um período de dez anos, de 1993, quando o autor soube que sofria de uma grave doença hepática que lhe seria fatal, e passou a escrever ininterruptamente, até a sua morte, em 2003. Muitas de suas obras foram publicadas postumamente, conforme assinala Antônio Carlos Silveira Xerxenesky (2012, p. 18).

O conto "Jim", que constitui o nosso *corpus* de análise, faz parte do livro *El gaucho insufrible*, e foi publicado em 2003. A respeito dessa obra, é correto afirmar que se trata de um texto híbrido, o qual

apresenta cinco contos de tamanhos variáveis (o primeiro, "Jim", possui três páginas, enquanto outros, como o conto que dá título ao livro, possuem 30) e encerra com dois ensaios sobre literatura, um ["Literatura + enfermedad = enfermedad"] abordando a relação entre literatura e doença, e o outro ("Los mitos de Cthulhu") traçando um panorama da literatura latino-americana (XERXENESKY, 2012, p. 24).

A hibridez é um motivo que se tornou bastante comum nas obras de ficção da contemporaneidade, sobretudo no período que os teóricos e críticos convencionaram chamar de pós-moderno, no qual nada é permanente e o homogêneo cede lugar para a fragmentação e para a diferença, cultivando-se o superficial, a convivência de todos os opostos, minimizando-se ou até mesmo diluindo-se as fronteiras entre margem,

centro e periferia no território da literatura. Várias dessas características poderão ser comprovadas durante a análise do conto "Jim".

Nesse conto, é narrada a história de Jim, um norte-americano que vive na capital do México (México D. F.), casado, poeta, que vaga pelas ruas dessa grande cidade. O ponto culminante do enredo é o seu encontro com um engolidor de fogo, durante o qual Jim parece enfeitiçado, desejando que as chamas que são lançadas pela boca do cuspidor de fogo atinjam-no. Isso só não acontece graças à intervenção do narrador, que o retira do local e ambos (Jim e o narrador) saem caminhando apressados do local, em silêncio, e Jim desaparece e nunca mais é visto.

O conto possui quatro personagens: Jim, que é o protagonista, sua mulher, o engolidor de fogo e o narrador, que conta a história em primeira pessoa e é amigo de Jim. É um narrador testemunha, segundo a tipologia estabelecida por Norman Friedman (*apud* LEITE, 1985, p. 37-38), sendo

um "eu" já interno à narrativa, que vive os acontecimentos aí descritos como personagem secundária que pode observar, desde dentro, os acontecimentos, e, portanto, dá-los ao leitor de modo mais direto, mais verossímil. [...] No caso do "eu" como testemunha, o ângulo de visão é, necessariamente, mais limitado. Como personagem secundária, ele narra da periferia dos acontecimentos, não consegue saber o que se passa na cabeça dos outros, apenas pode inferir, lançar hipóteses, servindo-se também de informações, de coisas que viu e ouviu, e, até mesmo, de cartas ou outros documentos secretos que tenham ido cair em suas mãos. Quanto à distância em que o leitor é colocado, pode ser próxima ou remota, ou ambas, porque esse narrador tanto sintetiza a narrativa, quanto a apresenta em cenas. Neste caso, sempre como ele as vê.

O narrador do conto de Bolaño, portanto, narra o que ele está vendo, ou seja, cenas nas quais Jim está presente. No entanto, conforme deixa patente Norman Friedman, trata-se de uma narrativa limitada, na qual é impossível saber exatamente o que acontece com o protagonista, uma vez que o doador da narrativa só pode contar o que se passa externamente com Jim e pode aventar hipóteses sobre o seu comportamento, deixando o relato ambíguo e aberto para a interpretação do leitor, porque as motivações internas que guiam o comportamento desse personagem não são transmitidas para os receptores da obra.

A caracterização de Jim fornecida pelo narrador-personagem desvela um ser solitário, infeliz, sem expectativas, um exilado, que não se adapta ao mundo que o cerca:

Hace muchos años tuve un amigo que se llamaba Jim y desde entonces nunca he vuelto a ver a un norteamericano más triste. Desesperados he visto muchos. Tristes, como Jim, ninguno. [...] Lo vi de espaldas y no lo saludé, pero evidentemente era Jim. El pelo mal cortado, la camisa blanca y sucia, la espalda cargada como si aún sintiera el peso de la mochila. El cuello rojo, un cuello que evocaba, de alguna manera, un

linchamento en el campo, un campo en blanco y negro, sin anuncios ni luces de estaciones de gasolina, un campo tal como es o debería ser el campo: baldíos sin solución de continuidad, habitaciones de ladrillo o blindadas de donde hemos escapado y que esperan nuestro regreso. (BOLAÑO, 2012, p. 11-12).

A imagem de Jim é desoladora, o que fica patente na metáfora empregada pelo narrador ao compará-lo a um campo baldio, reforçando a sua solidão e o seu desajuste em face da realidade que o cerca. Aliás, o ofício de poeta também se coaduna com esse posicionamento de estar à margem, incapaz de se adequar e se ajustar ao mundo contemporâneo: “No más peleas, decía Jim. Ahora soy poeta y busco lo extraordinario para decirlo con palabras comunes y corrientes” (BOLAÑO, 2012, p. 11). A figura do poeta conota, quase sempre, um ser de exceção, em permanente descompasso com o mundo em que vive, mergulhado em dúvidas e vivendo numa realidade própria, muitas vezes impalpável, desconectada daquela na qual vivem e transitam os demais seres humanos. E o personagem de Bolaño é um reflexo dessa realidade durante todo o seu trajeto rumando para a morte ou, mais exatamente, para uma tentativa de se aniquilar, desaparecer, e interromper uma vida que parece fadada à dor e ao sofrimento.

Jim, como um ex-combatente de guerra – “antiguo combatiente en Vietnam” (BOLAÑO, 2012, p. 11) – possivelmente continua a carregar os traumas vivenciados no campo de batalha e não consegue ser feliz integrado na vida cotidiana, em companhia de sua esposa, pois ele não encontra satisfação ou felicidade em seu relacionamento com os demais seres humanos que o rodeiam:

Su mujer era una poeta chicana que amenazaba, cada cierto tiempo, con abandonarlo. Me mostró una foto de ella. No era particularmente bonita. Su rostro expresaba sufrimiento y debajo del sufrimiento asomaba la rabia. [...] Por lo visto a Jim le gustaban las morenas, las mujeres secretas de la historia, decía sin dar mayores explicaciones. (BOLAÑO, 2012, p. 11-12).

Embora ambos exerçam o mesmo ofício – o de poeta – é flagrante que o casal vive em constante tensão, em desarmonia, sendo estes temas constantes na obra de Bolaño, que é “povoada por personagens solitários e inadaptáveis cuja estranheza é a força dinamizadora do relato” (FELIPPE, 2014, p. 73). Dessa forma, os personagens do conto em análise, bem como a grande maioria dos personagens criados pelo escritor chileno, são sujeitos nômades, em permanente trânsito, marcados pela violência, pela orfandade e pela errância em “um mundo globalizado onde são, permanentemente, estrangeiros” (FELIPPE, 2014, p. 79). A situação de errância, de estar à margem, é uma constante nas peripécias de Jim.

Ainda em relação ao ofício de poeta exercido por Jim, é válido apontar que grande parte da obra de Roberto Bolaño “tem como tema central a própria literatura. Suas histórias são habitadas por poetas, escritores, editores, leitores compulsivos e professores de literatura” (GIRALDO, 2007, p. 180). Dessa maneira, a literatura volta-se sobre si mesma, configurando uma “metaliteratura”, conforme acertadamente

pontua Antônio Carlos Silveira Xerxenesky (2012, p. 22), em sua dissertação intitulada *A literatura rumo a si mesma*.

Um traço que possibilita classificar a ficção de Bolaño como pós-moderna deve-se à mistura de textos ficcionais e críticos em *El gaucho insufrible*, porque, em tal obra, são reproduzidas “sem nenhum anúncio prévio, as conferências [que] se juntam aos contos numa tentativa de fazer desaparecer os limites entre crítica e ficção dentro de um mesmo livro, misturando os gêneros e deslocando seus lugares tradicionalmente separados” (GIRALDO, 2007, p. 182).

A ficção híbrida produzida por Roberto Bolaño, assim como inúmeros outros textos escritos por autores contemporâneos e que tematizam a literatura, seus gêneros e autores, filia-se à corrente pós-moderna e, sendo assim, pode-se considerar que as obras de Bolaño constituem-se em um de seus representantes mais fecundos, e cujos romances e contos conformam um vasto material a ser explorado e analisado por estudiosos e críticos de literatura, em especial, da literatura hispano-americana da atualidade.

Na leitura do conto em análise, é possível considerar que uma de suas facetas mais importantes liga-se a “uma literatura do mal, do horror, [situada] sempre no limite do abismo” (GIRALDO, 2007, p. 185). O protagonista, ao longo de toda a história, está imerso em um universo marcado pela tristeza, pela dor, beirando o “abismo” e, preparando-se para a queda, para um mergulho rumo ao aniquilamento, ao nada, à inexistência, à morte, como forma de escapar da realidade que o oprime e o atormenta.

Dessa forma, pode-se concluir que não só o conto “Jim”, mas toda a obra bolaniana possui como denominador comum “la presencia de la destrucción. Bolaño genera novelas que retratan distintas maneras de demoler a los hombres y mujeres y, en este sentido, se puede hablar de una estética que intenta fijar las diversas formas que adopta la destrucción” (CANDIA CÁCERES, 2010, p. 48).

Assim como Jim, as criações ficcionais de Bolaño são marcadas por uma “estética do aniquilamento”, pois são submetidos a uma forma demolidora que “pretende arruinar o incluso reducir a nada los personajes” (CANDIA CÁCERES, 2010, p. 50).

No conto “Jim”, a estética da aniquilação mencionada é confirmada no seu clímax, quando o narrador encontra o personagem central hipnotizado pelo engolidor de fogo:

Cuando me puse a su lado me di cuenta de que estaba llorando. Probablemente también tenía fiebre. Asimismo descubrí, [...] que el tragafuegos estaba trabajando exclusivamente para él, como si todos los demás transeúntes de aquella esquina del DF no existiéramos. Las llamaradas, en ocasiones, iban a morir a menos de un metro de donde estábamos. ¿Qué quieres, le dije, que te asen en la calle? Una broma tonta, dicha sin pensar, pero de golpe caí en que eso, precisamente, esperaba Jim. [...] Chingado y hechizado parecía Jim. El embrujo de México lo había atrapado y ahora miraba directamente a la cara de sus fantasmas. [...] El tragafuegos nos miró. [...] Supe, en una fracción de segundo, que no era precisamente viento lo que nos iba a caer encima.

Vámonos, dije, y de golpe lo despegué del funesto borde de la acera. (BOLAÑO, 2012, p. 13-14).

Os vocábulos “chingado” e “hechizado” corroboram a intenção de Jim de se deixar atingir pelas chamas do engolidor de fogo. E essa talvez seja a única forma que ele encontra de se libertar da realidade que o oprime e da infelicidade e da tristeza que o perseguem, como menciona o narrador no início do relato.

Assim, o protagonista que está em permanente deslocamento, configurando uma espécie de viajante, que não consegue fixar-se num único lugar, busca o aniquilamento, um fim para as suas dores e tormentos. Ao chegarmos ao fim da trajetória de Jim, podemos afirmar que tanto no conto que ele protagoniza, quanto em outras produções ficcionais, “Bolaño produce una “Estética de la Aniquilación” que está compuesta por un recurrido por terrenos estériles que adolecen de falta de beleza o humor y en donde la devastación es el sino que mueve a numerosos personajes” (CANDIA CÁCERES, 2010, p. 50).

Nesse sentido, merece destaque o tratamento do espaço no qual transcorre a narrativa, conforme assinala Verena Dolle (2011, p. 138):

La trama se desarrolla claramente en la Ciudad de México; sin embargo, no se especifica el lugar [...]. Bolaño bosqueja [...] un escenario amenazador y de violencia con personajes marginales que pertenecen a los estratos más bajos de la sociedad. Con ello toma como punto de partida elementos de un discurso casi típico de la ciudad impregnado negativamente; [...].

Os personagens, mergulhados nesse espaço citadino, são marcados pela solidão, pelo sofrimento, pela dor e, por isso, agiganta-se o gesto do protagonista de fugir de tudo isso, aniquilar-se, acabar, talvez, com o próprio sofrimento.

O nome do personagem central do conto dialoga com o primeiro romance escrito por Roberto Bolaño, em 1984, *Consejos de un discípulo de Morrison a un fanático de Joyce*, que

representa a estreia literária de Bolaño. Trata-se de um romance escrito em coautoria com o barcelonense A. G. Porta. Como o título explicitamente sugere, há uma fusão entre literatura e rock'n'roll (Morrison é o líder da banda The Doors), ou pelo menos com o “espírito” do rock. O narrador e protagonista é um jovem que vivencia, ao mesmo tempo, descobertas sexuais e literárias. Mescla de romance policial com romance de formação, o livro apresenta uma faceta de Bolaño que ajudou na popularização do autor: a do *intelectual roqueiro*, à margem do *establishment* literário. A relação que a obra traça com a própria literatura se dá em diversos níveis: desde o narrador que relata suas leituras até o projeto, incluído no próprio livro, de escrever uma obra tendo um protagonista chamado Dédalus (como Stephen Dedalus de *Portrait of the artist as a Young man* (1916) e *Ulysses* (1922) de James

Joyce, um ladrão de banco (XERXENESKY, 2012, p. 20-21, grifos do autor).

No referido romance, os personagens centrais, Ana Ríos e Ángel Ros, cometem uma série de crimes. Ele é um escritor fracassado, que toca numa banda e ela, uma delinquente hispano-americana, com uma personalidade marcada por instintos assassinos, e ambos atingem o cume da violência quando assassinam uma velha senhora, detonando “un periplo brutal que tiene al robo, a la violación y al homicidio como las principales paradas de un ardiente verano en Barcelona” e dessa maneira, “el curso de acción de Ángel y Ana está acorde a la energía del mal que los lleva a cruzar los límites de la crueldad” (CANDIA CÁCERES, 2010, p. 55-56).

Os atos praticados por essas duas personagens enfatizam a violência, falta de solidariedade e humanidade e o consumo exacerbado de drogas nas grandes cidades:

Los crímenes de Ana y Ángel parecen movidos por el sinsentido. Un sinsentido motivado por el exceso de estimulantes -drogas y alcohol- que consumen los amantes. El contato con la muerte parece contagiarlos con un deseo enorme de violencia y destrucción similar al trayecto que siguen Mickey Knox y Mallory Wilson Knox en la cinta *Natural Born Killers* (1994) de Oliver Stone. Tanto la pareja de Bolaño como la de Stone fijan diversas formas de aniquilación en un viaje veloz y brutal por Cataluña y diversas ciudades de Estados Unidos, respectivamente, poniendo en escena, a la postre, una “Estética de la Aniquilación” que lleva la violencia urbana hasta el extremo. (CANDIA CÁCERES, 2010, p. 56).

Vale lembrar que a dupla Ana/Ángel guarda também notável semelhança com o filme *Bonnie and Clyde* (1967), no qual os protagonistas partem para uma vida criminosa, durante o período da grande depressão norte-americana. Os dois são violentos, matam sem piedade e roubam bancos e carros, até que são assassinados por policiais, que os perseguiram.

Em várias passagens de *Consejos de un discípulo de Morrison a un fanático de Joyce*, o narrador menciona o roqueiro Jim Morrison: “encendí la radio. Desde muy lejos llegó la voz de Jim Morrison cantando el final de una canción que no reconocí” (BOLAÑO & PORTA, 2006, p. 72), ou no trecho:

Soñé que estaba sentado en una silla, sin hacer nada, las manos brillantes. Luego me di cuenta de que estaba en un teatro y veía a Jim Morrison en escena. ¡Va a follarse el micrófono!, pensaba. ¡Va a masturbarse sobre nuestras cabezas! Pero no hacía nada de eso. Daba vueltas por el escenario, evitaba mirar la platea, parecía preocupado. Y no se oía ningún sonido. Pensé entonces que puesto que Jim estaba muerto aquello debía de ser una película. A la mañana siguiente lo primero que hice fue recordar el sueño. Me pareció triste. Luego pensé en ese “ataque al corazón” de 1971 en un hotel parisino. Esa era la

cultura de nuestra época: Morrison y los demás cardíacos (BOLAÑO & PORTA, 2006, p. 115-116).

Ou ainda no seguinte:

Pobrecita Ana Ríos, la vi dentro del ataúd, en otro exceso lírico, con ese agujero que atravesaba su cabeza, ahora redondo y limpio, de bordes pulidos. Pálida como yo mismo, su viejo compañero que nunca le fue infiel y que en postrero homenaje a su memoria respetaba los rojos, incluso los ámbar, mientras Jim Morrison ocupaba la radio con una de sus mejores canciones. Así es la vida, musité en catalán pero no sé por qué fenómeno de audición lo escuché en castellano. Hay que trabajar. Hay que adaptarse. Jim Morrison, por ejemplo, en Père-Lachaise. Tararé *Riders on the Storm*. Pensé que si conseguía abandonar esta mierda me compraría una chaqueta de cuero y una Kawasaki, en las maletas tenía dinero hasta para comprarme un casco, pero no quería un casco. Y si conseguía salir fuera de los Pirineos y pasaba por París, le llevaría rosas a Morrison. Quedaría muy fino. Además: es lo mejor para un genio muerto (BOLAÑO & PORTA, 2006, p. 147).

O cantor Jim Morrison morto em Paris, com a idade de 28 anos, foi sepultado no cemitério Père-Lachaise dessa cidade. A sua morte “ficou envolta em mistério. O atestado de óbito revelou problemas cardíacos”, no entanto, outras versões afirmam que ele faleceu vitimado por “uma overdose” (PATRIOTA, 2005, p. 12), pois em conformidade com seus dados biográficos, várias fontes informavam que ele era usuário de drogas e as consumia em grandes quantidades.

Morrison, ao longo de sua vida, também parece ter buscado incessantemente um caminho para o aniquilamento, para acabar com os dilemas e problemas que o atormentavam. Apesar de ter conseguido ficar muito famoso (até hoje ele é venerado como um ícone do rock’n’roll), ele parece nunca haver encontrado a paz e a felicidade. Nesse sentido, Bolaño presta uma homenagem a esse grande artista do século XX ao dar seu nome ao conto que abre o volume *El gaucho insufrible* e irmanar o personagem real e o ficcional pelo fato de ambos compartilharem muitas características como o fato de escreverem poesias³, serem figuras inadaptadas à realidade da qual fazem parte e buscarem formas de fugirem do universo que os oprime.

Há, inclusive, uma música de Jim Morrison que dialoga com o destino da personagem principal de seu conto, *The End*. Observemos alguns fragmentos dessa canção:

É o fim, amigo querido,
 é o fim, amigo único, o fim

³ Rosangela Patriota (2005, p. 11) afirma que grande parte dos biógrafos de Morrison enfatizaram que a poesia sempre foi a sua grande obsessão e “[o] início da década de 1970 marcou a presença do poeta Jim Morrison no cenário cultural norte-americano. Ele fez de seu tempo e da história a matéria-prima de sua poesia”.

dos planos que forjamos, o fim
 de tudo o que era firme, o fim
 sem apelo ou surpresa, o fim.
 Nunca mais te olharei nos olhos.
 Vê se imaginas o que vai ser de nós,
 ilimitados e libertos,
 desesperadamente necessitados da mão dum estranho
 num mundo desesperado?
 Perdidos num romano deserto de mágoas,
 com todas as crianças atacadas pela loucura,
 à espera da chuva de Verão.
 É perigoso passar ao pé da cidade,
 segue direto pela estrada real.
 Cenas mágicas dentro da mina de ouro;
 segue pela estrada do oeste, amor.
 [...]

É o fim, amigo querido,
 é o fim, amigo único, o fim.
 Custa-me deixar-te, mas
 nunca irás para onde eu for,
 O fim da risada e das doces mentiras,
 o fim das noites em que fizemos por morrer,
 é o fim (MORRISON *apud* PATRIOTA, 2005, p. 8).

Assim como no conto, na música, dois amigos separam-se, seus destinos são diferentes e cada um segue seu rumo sem se deter. Nunca mais se reencontrarão, uma vez que os dois estão desiludidos, as lembranças de momentos felizes ficaram no passado e agora só existe o mundo atormentado da grande cidade, provocando a loucura, o desespero e a impossibilidade de se encontrar a felicidade. Tanto o eu-lírico da canção, quanto o personagem Jim são marcados pela derrota, pelos sofrimentos e pelo desejo de pôr um fim às dores que os consomem. Guardadas as devidas proporções, ambos buscam o aniquilamento, o desaparecimento, a morte, para que cessem os males que os acometem e que a solidão e a falta de humanidade dos grandes centros terminam por acentuar e intensificar em suas trajetórias.

O clímax do conto ocorre no momento em que Jim parece desprender-se da realidade e desejar ardentemente que as chamas atinjam-no e o consumam, libertando-o, livrando-o de todo sentimento de dor e opressão que ele carrega dentro de si:

Una vez lo vi contemplando a los tragafuegos de las calles del DF. [...] Jim tenía las manos en los bolsillos. El tragafuegos agitaba su antorcha y se reía de forma feroz. Su rostro, enegrecido, decía que podía tener treintaicinco años o quince. No llevaba camisa y una cicatriz vertical le subía desde el ombligo hasta el pecho. Cada cierto tempo se llenaba la boca de líquido inflamable y luego escupía una larga culebra de fuego. La gente lo miraba, apreciaba su arte y seguía su caminho, menos Jim,

que permanecia en el borde de la acera, inmóvil, como si esperara algo más del tragafuegos, una décima señal después de haber descifrado las nueve de rigor, o como si en el rostro tisonado hubiera descubierto la cara de un antiguo amigo o de alguien que había matado. [...] Lo cierto es que me acerqué y lo llamé. Jim pareció no oírme. [...] Asimismo descubrí, con menos asombro con el que ahora lo escribo, que el tragafuegos estaba trabajando exclusivamente para él, como si todos los demás transeúntes de aquella esquina del DF no existiéramos. Las llamaradas, en ocasiones, iban a morir a menos de un metro de donde estábamos. ¿Qué quieres, le dije, que te asen en la calle? Una broma tonta, dicha sin pensar, pero de golpe caí en que eso, precisamente, esperaba Jim. *Chingado, hechizado / Chingado, hechizado*, [...] (BOLAÑO, 2012, p. 12-13, grifo do autor).

Duas posturas se contrapõem no fragmento transcrito (a daqueles que olhavam o engolidor de fogos, admiravam a sua performance e seguiam adiante com suas vidas e seus compromissos) e Jim, que está hipnotizado, paralisado pelo artista, que cada vez aproxima-se mais e ele não recua, esperando que ele lance suas chamas sobre si, pondo fim a seus tormentos.

As atitudes de Jim, imerso no meio da multidão e olhando fixamente para o engolidor de fogos, denotam a sua falta de perspectivas, a ausência de laços afetivos, a carência de objetivos, os traumas oriundos das lutas que travou durante as batalhas em países estrangeiros e o desejo intenso de que o fogo extermine todo esse passado infeliz e essa realidade presente, que também não é nada promissora, muito pelo contrário, desvela uma vida sem sentido, sem objetivos e sem esperanças no que quer que seja.

Em suma, o personagem central do conto busca a aniquilação, um fim para uma vida marcada por dores, desencanto, que perpassa sua atividade como soldado na guerra do Vietnã, o fracasso no casamento, pois a esposa não o compreende e deseja abandoná-lo, e a peregrinação pelas ruas de uma grande cidade, na qual, mesmo imerso na multidão, encontra-se só e sem perspectivas futuras, desejando ardentemente que tudo acabe.

No conto analisado, em síntese, pudemos constatar a presença de elementos comuns à poética do pós-modernismo tais como a fragmentação do personagem, a literatura voltando-se sobre si mesma, configurando uma metaliteratura, por meio da referência ao ofício de poeta de Jim e sua esposa, a superficialidade das relações humanas, a incomunicabilidade dos seres, que vivem à deriva em grandes metrópoles e a impossibilidade de encontrar a felicidade, levando o personagem protagonista a uma decisão extrema de acabar com a própria vida e com a dor e o sofrimentos que o sufocam. O sumiço de Jim, no final da narrativa – “Nunca más lo volví a ver” (BOLAÑO, 2012, p. 14) – provavelmente indica que ele tenha atingido o seu intento e tenha sido aniquilado, consumido pela realidade exasperante que o rodeia e da qual procurou fugir obstinadamente.

THE WANDER AND THE SEARCH OF ANNIHILATION IN THE SHORT STORY "JIM", BY ROBERTO BOLAÑO

Abstract: The purpose of this article is to analyze the protagonist's construction of the short story "Jim, by the Chilean writer Roberto Bolaño, evincing the fact that this character lives moving himself, doesn't adapt to the contemporary world and looks for a way to evade the reality that oppresses him. The analysis carried out will be guided by the theoretical studies by Ravetti (2001), Xerxenesky (2012), Felipe (2014), Candia Cáceres (2010), Giraldo (2007), Patriota (2005), Dolle (2011), Mora Retamal (2016). In this way, Jim configures himself as a character in search of annihilation, of death, to get rid of the pain and suffering that suffocate him, which are recurring factors in fictional figures of twentieth and twenty-first centuries. **Keywords:** Roberto Bolaño; annihilation; metaliterature; Chilean literature.

REFERÊNCIAS

BOLAÑO, Roberto. Jim. In: BOLAÑO, Roberto. *El gaucho insufrible*. 6. ed. Barcelona: Editorial Anagrama S. A., 2012, p. 11-14.

BOLAÑO, Roberto & PORTA, A. G. *Consejos de un discípulo de Morrison a un fanático de Joyce* seguido de *Diario de bar*. Barcelona: Acantilado, 2006.

CANDIA CÁCERES, Alexis. Todos los males el mal. La "Estética de la Aniquilación" en la narrativa de Roberto Bolaño. *Revista Chilena de Literatura*. Número 76, p. 43-70, abr. 2010.

DOLLE, Vera. Fantasías urbanas: México D. F. por Rafael Ramírez Heredia (*La jaula de Dios*), Guillermo Fadanelli (*La otra cara de Rock Hudson*) y Roberto Bolaño ("Jim"). *iMex. México Interdisciplinario*. *Interdisciplinary iMex*, año I, n. I, invierno/winter 2011, p. 127-141.

FELIPPE, Renata Farias de. O melodrama *queer* em Roberto Bolaño - notas sobre a mobilidade e a mobilização de afetos. *IPOTESI*, Juiz de Fora, v. 18, p. 73-82, jan./jun. 2014.

GIRALDO, Rafael Eduardo Gutiérrez. Romances híbridos e crítica ficcional na narrativa contemporânea latino-americana: o caso de Roberto Bolaño. *Gragoatá*. Niterói, n. 22, p. 179-190, 1. sem. 2007.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo (ou a polêmica em torno da ilusão)*. São Paulo: Ática, 1985.

MORA RETAMAL, Mauricio Leonardo. *La (des)localización del autor en la narrativa de Roberto Bolaño*. Tesis (Doctorado en Literatura Latinoamericana). Universidad de Concepción, Facultad de Humanidades, Concepción-Chile, 2016.

PATRIOTA, Rosangela. História - performance - poesia: Jim Morrison, o xamã da década de 1960. *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*, v. 2, ano II, n. 3, julho/agosto/setembro de 2005, p. 1-15. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/artigos.php>. Acesso em: 24 fev. 2018.

RAVETTI, Graciela. Ficción y performance en escritores latinoamericanos contemporáneos. *Diálogos Latinoamericanos*, n. 4. 2001, p. 47-57.

XERXENESKY, Antônio Carlos Silveira. *A literatura rumo a si mesma: Roberto Bolaño e Enrique Vila-Matas*. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

ARTIGO RECEBIDO EM 27/02/2018 E APROVADO EM 10/05/2018